



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

CAROLINE SOUSA DA CONCEIÇÃO

**A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA:
A ESCRITA COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA E EXPRESSÃO DE
IDENTIDADES A PARTIR DA LEITURA DOS CONTOS *OLHOS D'ÁGUA* E
QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

CAROLINE SOUSA DA CONCEIÇÃO

**A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA:
A ESCRITA COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA E EXPRESSÃO DE
IDENTIDADES A PARTIR DA LEITURA DOS CONTOS *OLHOS D'ÁGUA* E
QUANTOS FILHOS A NATALINA TEVE?, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lílian Paula Serra e Deus.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

C7431

Conceição, Caroline Sousa da.

A literatura afro-brasileira de autoria feminina : a escrita como ferramenta de resistência e expressão de identidades a partir da leitura dos contos Olhos d'água e Quantos filhos Natalina teve?, de Conceição Evaristo / Caroline Sousa da Conceição. - 2019.

36 f.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lílian Paula Serra e Deus.

1. Escritoras negras - Brasil. 2. Literatura afro-brasileira. 3. Negras na literatura. I. Evaristo, Conceição, 1946 - - Crítica e interpretação. II. Título.

BA/UF/SEBI

CDD 869

CAROLINE SOUSA DA CONCEIÇÃO

**A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA:
A ESCRITA COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA E EXPRESSÃO DE
IDENTIDADES A PARTIR DA LEITURA DOS CONTOS *OLHOS D'ÁGUA* E
QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho para Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), pela respectiva banca examinadora:

Aprovado em: 03/09/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a LÍlian Paula Serra e Deus (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Luciany Aparecida

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Denilson Lima Santos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu quero agradecer a Deus, pois sem a permissão dele nada teria acontecido, agradecer o quão grande ele é na minha vida, depois quero agradecer a minha família em especial ao meu filho, Pedro Lucas, por me motivar a buscar um futuro melhor pra nós, a minha mãe Marinalva Sousa, por fazer isso possível ajudando da forma que ela pode ajudar, com os exemplos de vida que ela sempre me deu, mostrando que temos que seguir em frente com coragem, com força e sem medo de errar, e ao meu companheiro, Eduardo Garcia, por insistir que o estudo tem que ser uma das prioridades em nossas vidas.

Agradecer aos meus amigos, pôr no momento de dificuldades me ajudarem a continuar.

Quero agradecer também a minha maravilhosa orientadora LÍlian Paula Serra e Deus, por acreditar em mim e me dar todo o apoio necessário, por me dar uns puxões de orelha quando necessário e está sempre à disposição a me ajudar, por ser uma inspiração para mim e despertar-me um dia ser um pouquinho da profissional que ela é.

Enfim, gratidão a todos diretamente ou indiretamente que participaram dessa trajetória.

A nossa escrevivência não pode ser lida como história
de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los
em seus sonos injustos.

Conceição Evaristo

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a literatura afro-brasileira de autoria feminina, trazendo abordagens sobre o predomínio da temática e perspectivas de autoria branca, na literatura hegemônica e como esse espaço é preenchido através da literatura afro-brasileira a partir de escritas de autoras como a mineira Conceição Evaristo. Nesse sentido, propõe-se a partir da leitura dos contos *Olhos d'água* e *Quanto filhos Natalina teve?*, presentes na obra da Conceição Evaristo *Olhos d'água*, demonstrar como a literatura afro-brasileira de autoria feminina contesta o machismo e o racismo estrutural, reivindicando o espaço da mulher negra como sujeito da própria história.

Palavras-chave: Escritoras negras - Brasil. Evaristo, Conceição, 1946 - - Crítica e interpretação. Literatura afro-brasileira. Negras na literatura.

ABSTRACT

The presente Works proptoses a reflection on the Afro-Brazilian literature of female authorship, bringing approaches about the absence of the theme and black perspectives in hegemonic literature and how this space is filled through Afro-Brazilian literature from writings of authors such as Minas Gerais. Conceição Evaristo. In this sense, it is proposed from the reading of the tales Olhos d'água and How many children did Natalina have?, Present in the work of Conceição Evaristo Olhos d'água, to demonstrate how the AfroBrazilian literature of female authorship challenges machismo and racism claiming the space of black women as the subject of their own history.

Keywords: Afro-Brazilian literature. Black women in the literature. Black women writers - Brazil. Evaristo, Conceição, 1946 - - Criticism and interpretation.

RISUMU

Kel trabadju li ta propoi um reflexon sobri literatura afro-brasilera de autoria fiminina i trazi abordagens sobri auzencia de temas e prespectiva negras na literatura egemonica i komu ki kel ispaçu li é prenxido atravez di literatura afro-brasilera apartir de skritas di autoras cima Conceição Evaristo. Di kel modo li, nu propoi, apartir de leitura di “olhos d’água” e “quanto filhos natalina teve?”, ki sta na trabadju di Conceição Evaristo “olhos d’água”, mostra modi ki literatura afro-brasilera di autoria fiminina ta contesta maxismu i racismu strutural, i revindica spaçu di mudjer negra cima sujeita di si propi stória.

Palavra-xavi: Autoria fiminina. Conceição Evaristo. Literatura afro-brasilera. *Olhos d’água*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA E RESGATE DAS ORIGENS DAS CULTURAS AFRO-BRASILEIRA	13
2.1	CONTEXTUALIZAÇÃO	13
2.1.1	Conceitos e definições	14
2.1.2	Períodos: precursores, consolidação, contemporaneidade	17
2.1.3	Os Cadernos Negros	20
3	A ESCRITA AFRO-BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA	22
4	CONCEIÇÃO EVARISTO	24
4.1	ESCREVIVÊNCIAS	24
4.1.1	A Academia Brasileira de Letras	25
5	OLHOS D'ÁGUA	27
5.1	OLHOS D'ÁGUA	27
5.2	QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?	31
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda uma leitura da literatura afro-brasileira, refletindo-se sobre sua construção conceitual, enfatizando-se as fases que se iniciam a partir do que Eduardo De Assis (2010) denomina como precursores de uma literatura que valoriza a cultura e os povos negros, passando por sua consolidação até a fase da contemporaneidade.

No primeiro capítulo, intitulado *A literatura afro-brasileira: instrumento de resistência e resgate das origens da cultura negra* trará reflexões sobre como se fez necessário delimitar um espaço dentro da literatura brasileira para tratar exclusivamente de produções de escritores que assumem seu pertencimento enquanto sujeitos vinculados a uma etnicidade afrodescendente. A cultura negra se faz presente na constituição do povo brasileiro resistindo a um processo violento de miscigenação que sempre almejou o apagamento das identidades negras: a miscigenação no Brasil estruturou-se nas teorias eugenistas do século XIX, estabelecendo uma estratégia de branqueamento da população e apagamento heranças culturais negras, indígenas e africanas.

A literatura afro-brasileira propõe reflexões voltadas a escritos de autoria negra, dando visibilidade aos autores auto reconhecidos afrodescendentes, podendo assim ter o lugar de fala. O sujeito negro passa a ter o protagonismo da própria história, a partir de produções construídas e experimentadas através de vivências representativas da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira. Dessa maneira, no primeiro capítulo trataremos uma contextualização sobre a literatura afro-brasileira, os conceitos que a definem, os períodos que a constituem e um importante suporte de divulgação dos textos da literatura afro-brasileira: Cadernos Negros.

No segundo capítulo, intitulado *A escrita afro-brasileira de autoria feminina*, trataremos a precursora desta literatura, Maria Firmina dos Reis, que abre o caminho para outras autoras na denúncia e resistência à escravidão, trazidas em seus textos. Abordaremos como a literatura afro-brasileira de autoria feminina confronta barreiras do machismo e do racismo para se estabelecer. Trataremos também nesse capítulo questões do cânone literário brasileiro. Nesse tópico, trataremos de questões que acercam a literatura, marcas deixadas no decorrer do sistema escravagista.

A literatura canônica suscita questionamentos sobre a figura feminina principalmente negra, que sempre foi retratada de forma estereotipada. A partir da não aceitação dos espaços impostos pela sociedade, mulheres negras encontram na literatura afro-brasileira uma ferramenta de resistência.

No capítulo três, traremos a biografia da escritora mineira, Conceição Evaristo. Na esteira da Maria Firmina, no século XXI, Conceição Evaristo assume o papel da continuidade de uma literatura negra de autoria feminina. Em suas narrativas, a autora aborda problemáticas negras sofridas em sociedade, denuncia as violências sofridas por mulheres negras jogadas à margem da sociedade e como a pobreza e outros fatores traçam dor e sofrimento em suas vidas. Como mulher negra, pobre, em sua escrita Evaristo exalta a mulher do mesmo âmbito social, permitindo a ela o que lhe foi negado durante muito tempo: o protagonismo nas suas vivências, independência à figura da mulher negra maternal, a ligação com a ancestralidade, religiosidade. Assim como denomina Conceição Evaristo, sua obra parte de *escrevivências*. No capítulo quatro, traremos análises dos contos *Olhos d'água* e *Quantos filhos Natalina teve?*. E por fim as considerações finais do trabalho.

2 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA E RESGATE DAS ORIGENS DAS CULTURAS AFRO-BRASILEIRA

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Desde o século XIX havia manifestações esparsas de autores que já reivindicavam, a partir de suas escritas literárias, a valorização da cultura e identidade negra. Ainda na vigência do período colonial escravagista autores como Maria Firmina dos Reis, Luís Gama traziam textos literários com abordagens as questões negras, como enfatiza a pesquisadora Nazareth Soares Fonseca: “Muitos escritores, antes mesmo da extinção do tráfico negreiro, no século XIX, produziram textos em que é abordada a questão negra”. (FONSECA, 2014)

A literatura afro-brasileira nasce pelo desejo de mudanças sociais, pela revolta e denuncia do sofrimento vivenciado por pessoas negros e negras desde a escravatura. As marcas físicas e psicológicas deixadas pela violência do processo de colonização trouxeram a necessidade de resistência ao sistema colonial. Dessa maneira, a partir da necessidade e vontade de alguma forma empreender uma luta antirracista, os escritores da literatura afro-brasileira utilizam inicialmente dos textos literários, para criar um ambiente para resistir e expor as situações vivenciadas a partir de experiências negras, sobretudo às mazelas advindas desse processo. A opressão pelo regime escravagista privou negros e negras da sua dignidade, liberdade e até o direito à vida, submetendo-o a tratamento cruel e degradante por séculos. A pobreza, violência, discriminação, objetificação, invisibilidade e estereótipo para com os corpos negros no Brasil são um reflexo direto de um país provindo de um processo perverso que foi a colonização. A literatura brasileira também tem influências do sistema racista, os espaços canônicos são destinados predominantemente a escritores vinculados a uma visão branca de mundo, excluindo o negro desse espaço. A produção e a imagem do negro eram apresentadas inicialmente na literatura através de uma visão distanciada, voltada para o exotismo e a reprodução de estereótipos. A literatura afro-brasileira vem, em contraponto, para questionar esses espaços que aos negros são negados dentro da literatura brasileira, onde não há valorização de sua cultura e identidades.

O corpo negro tem sido violado em sua integridade física e moral há séculos, em seu espaço coletivo e individual pelo sistema escravocrata desde o passado a contemporaneidade, obrigando aos negros enquanto indivíduo e coletivo, buscar meios de resistência para a sua sobrevivência.

Dessa maneira: “Para arrancar a literatura negra do reduto reducionista da literatura em geral que a trata como tema folclórico, exótico, ou como estereótipo, é preciso que ela seja, necessariamente, uma literatura afro-brasileira.” (FONSECA, 2014, p. 331).

2.1.1 Conceitos e definições

A literatura afro-brasileira ressalta que existem identificadores e características que podem ser comuns para a sua definição dentre elas a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público, também ressaltando a importância que os escritores negros assumam seu pertencimento enquanto sujeitos vinculados a uma etnicidade afrodescendente. A literatura afro-brasileira parte da conscientização e retomada do lugar de fala, especificamente esse lugar de direitos do povo negro e vem justamente para dar ao negro todo o direito de expressão e de um lugar de fala que lhe foi negado durante muito tempo e que mesmo com avanços, é preciso continuar lutando por seu espaço e se reafirmar todos os dias.

A partir do que foi citado situaremos a relevância e significação desses identificadores.

O tema é um dos fatores que ajuda a configurar o pertencimento de um texto à literatura afro-brasileira, segundo Assis (2010).

A temática carrega em si um dos determinantes para o seu pertencimento quanto à literatura em questão. A obra tem que carregar a visão de mundo na perspectiva de uma autoria negra, assumindo o seu pertencimento político perante a sociedade, o negro aparece como sujeito de fala e não como objeto. As obras são construídas a partir da valorização de suas identidades e vivências e não são mais contadas a partir de um sujeito branco. Pontua Conceição Evaristo:

Pode-se dizer que um sentimento positivo de etnicidade atravessa a textualidade afro-brasileira. Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral. (EVARISTO, 2009, p.19-20)

Diante de todas as discussões uma das maiores problemáticas está em torno da própria conceituação dessa literatura, para definição do uso da terminologia como literatura negra ou afro-brasileira. Para Assis (2010) o termo mais adequado a ser usado é o termo Literatura afro-brasileira, pois remete ao processo que foi a construção do país (Brasil), com a mescla cultural

entre negros, indígenas e brancos: “o termo afro-brasileiro, por sua própria configuração semântica, remete ao tenso processo de mescla cultural em curso no Brasil desde a chegada do primeiros africanos. Processo de hibridação étnica e linguística, religiosa e cultural” . (Duarte, 2010, grifo do autor)

Para o Luís Silva, (Cutí) a terminologia a ser utilizada é literatura negra, pois para ele, o termo afro-brasileiro ou afrodescendente enfatiza pelo véis semântico a ideia de África, negando assim a identidade brasileira. Assim como assinala Cutí:

Ele funciona como elemento atenuador que diluiria o sentido político de afirmação identitária contido na palavra negro. É certo que, por abraçarem toda a gama de variações fenotípicas inerentes à mestiçagem, termos como afro-brasileiro ou afrodescendente trazem em si o risco de assumirem sentido homólogo ao do signo “pardo”, tão presente nas estatísticas do IBGE, quanto execrado pelos fundamentalistas do orgulho racial traduzido no slogan “100% negro”. (CUTI, apud Assis, 2010)

A literatura brasileira, desde o momento que reivindica o ideal nacionalista no século XIX, com o romantismo, traz a imagem do indígena europeizado e a imagem do negro estereotipada, o que acentua a necessidade de que os textos literários assumam a perspectiva do negro como sujeito da sua própria história.

A tentativa de silenciamento de povo negro vem desde o início da construção do Brasil, quando o colonizador subtraiu aos negros todos os seus direitos. No meio literário não era muito diferente. Daí vem a ideia de ter uma abordagem literária para retomar os seus direitos, denunciando as atrocidades sofridas no período de escravização e as violentas heranças advindas desse processo.

Para Eduardo de Assis Duarte (2010), a necessidade de trazer o conceito de Literatura afro-brasileira à cena, centra-se, principalmente, na necessidade de valorização da cultura negra e no questionamento de uma visão estereotipada dos negros pela literatura canônica:

Tal dicotomia compromete a operacionalidade do conceito, uma vez que o faz abrigar tanto o texto empenhado em resgatar a dignidade social e cultural dos afro descendentes quanto o seu oposto – a produção descompromissada, para ficarmos nos termos de Proença, voltada muitas vezes para o exotismo e a reprodução de estereótipos atrelados à semântica do preconceito. (DUARTE, 2010)

Além das discussões conceituais, também divergem as concepções de alguns autores sobre o reconhecimento e a cor da pele para o pertencimento à literatura afro-brasileira. Para autores como Bernd, não se deve ater a cor da pele do escritor, mas a enunciação do pertencimento. Porém essa questão parece não ser suficiente, pois não basta apenas se dizer

pertencente ou se identificar existencialmente como afrodescendente, vai muito além disso. Para legitimidade do pertencimento precisa ser autor negro assumidamente, escrever sobre si o sobre o seu povo dentro do seu contexto, discutindo questões vivencias e sofridas pelo seu coletivo negro.

Para Luiza Lobo, “esta definição parece implicar que qualquer pessoa poderia se identificar existencialmente com a condição de afrodescendente – o que de modo algum é verdadeiro no atual estágio sociocultural em que nos encontramos, pelo menos no Brasil.” (2007, p. 328). Lobo defende que o conceito não deve incluir a produção de autores brancos, e, juntamente com Brookshaw (1983), entende ser tal literatura apenas aquela “escrita por negros”. (LOBO, apud Duarte, 2010)

Na perspectiva de Assis (2010) a literatura afro-brasileira remete a construção identitária do Brasil. Neste processo houve uma mistura de povos (negros, brancos e indígenas) assim juntamente uma mistura de costumes, culturas, línguas e religiosidades. A diversidade é um elemento central para se entender a formação do povo brasileiro, não se pode simplesmente não se atentar a este fato.

Já o termo afro-brasileiro, por sua própria configuração semântica, remete ao tenso processo de mescla cultural em curso no Brasil desde a chegada dos primeiros africanos. Processo de hibridação étnica e linguística, religiosa e cultural. De acordo com um pensamento conservador, poder-se-ia dizer que afro-brasileiros são também todos os que provêm ou pertencem a famílias mais antigas, cuja genealogia remonta ao período anterior aos grandes fluxos migratórios ocorridos desde o século XIX. (DUARTE, 2010)

“O termo afro-brasileiro é designado tanto às pessoas com descendência africana quanto para os artefatos, as manifestações, as tradições e a cultura provenientes da vinda dos africanos escravizados no Brasil. Duarte”. (DUARTE, 2010, p. 119)

Na perspectiva do Eduardo de Assis, para adiante as discussões conceituais, existem outros elementos que distinguem a literatura afro-brasileira da literatura brasileira. Elementos esses como, a temática que configura-se em abordar o resgate da história no povo negro na diáspora brasileira, como denúncias a escravidão e suas consequências, a marginalização dos povos negros, o racismo, críticas ao preconceito e o embranquecimento ou até a exaltação das culturas negras; as memórias ancestrais, os saberes, as lutas, religiosidade, entre outros, temas não comumente retratados. A autoria é de negras e negros, partindo de vivências coletivas ou individuais negras.

O ponto de vista apresenta a visão de mundo própria e distinta da do branco. É preciso salientar problemáticas inerentes a vida e a condição existencial do povo negro, em alguns

textos há uma troca de papéis ditados pela sociedade a imagem do negro como protagonista também é trazida. Enfoca-se o rompimento da assimilação cultural imposta através da perspectiva identitária vinculada a cultura negra.

A linguagem é, sem dúvida, um dos fatores constituintes da diferença cultural no texto literário (Assis, 2011). Na literatura Afro-brasileira criou-se uma linguagem diferenciada da literatura convencional, de muitas vezes intencionalmente contrária à normas culta. Também em sua linguagem estão presente as particularidades de ritmos e entonações próprias da oralidade. E por fim o público, que em sua constituição específica é marcado pelo anseio a afirmação identitária, para que haja um despertar negro e união a luta pela igualdade e pelos espaços de direitos. Nas palavras de Duarte:

Para além das discussões conceituais, alguns identificadores podem ser destacados: uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo. Alertando para o fato de que se trata de um conceito em construção, passamos a examinar mais detidamente cada um desses elementos. (DUARTE, 2010, p. 122).

Assim, define-se então, a literatura afro-brasileira aqui como uma produção literária voltada ao negro como sujeito ativo, falando de si e dos seus com propriedade, diferenciando de escritas de autores não negros falando dos negros.

2.1.2 Períodos: precursores, consolidação, contemporaneidade

A literatura afro-brasileira passa por alguns períodos distintos para alcançar os espaços que ocupa hoje no sec. XXI. Nesse sentido, ao longo dessa trajetória, muitos autores contribuirão para o desenvolvimento entre a relação literatura e afro-brasilidade. Eduardo de Assis na coletânea *Literatura e Afrodescendência* (2010), composta por quatro volumes, aborda a ideia de precursores da Literatura afro-brasileira e dedica o primeiro volume da obra a essa análise:

O primeiro volume-precursores-é dedicado ao autores nascidos entre 1930. Inclui escritos daqueles que, mesmo não assumindo explicitamente um projeto literário afro-brasileiro, apresentam traços discursivos que os situam, em muitos momentos, numa órbita de valores socioculturais distintos abraçados pelas elites brancas. E que, de uma forma ou de outra, expressam tais valores transformando-os em linguagem literária. (DUARTE, 2010)

Autores e autoras como Maria Firmina dos Reis e Luiz Gama, desde o século XIX firmam as bases de reivindicações da literatura afro-brasileira. Maria Firmina dos Reis trouxe um novo olhar à literatura, rompendo com a leitura exótica e mistificada do negro, baseando as suas escritas na visão de mundo dos próprios escravizados e Luís Gama, considerado advogado dos escravizados, trouxe nas suas obras críticas aos olhares dos brancos sobre os negros e a suas imposições, permitindo a continuidade de outros escritores.

Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís do Maranhão, em 11 de março de 1822. Filha de Leonor Felippa dos Reis e estando ausente do documento o nome de seu pai (ADLER, 2017). Mudou-se para a vila de São José de Guimarães, no município de Viamão, situado no continente e separado da capital pela baía de São Marcos, lá formou-se professora, lecionando por muitos anos, recebendo em reconhecimento o título de "Mestra Régia". Em 1847, Reis vence concurso público para a Cadeira de Instrução Primária na cidade de Guimarães-MA. Ao se aposentar, no início da década de 1880, funda, na localidade de Maçaricó, a primeira escola mista e gratuita do Maranhão e uma das primeiras do País, segundo Moraes Filho (1975). “Maria Firmina dos Reis colaborou assiduamente com vários jornais literários, tais como *A Verdadeira Marmota*, *Semanário Maranhense*, *O Domingo*, *O País*, *Pacotilha*, *O Federalista* e outros” (MUZART, 2000, p.264). Em 1859, lançou a narrativa *Úrsula*, sendo a primeira mulher negra da América latina a publicar um romance e o primeiro romance abolicionista de autoria feminina de língua portuguesa que abordava a escravidão do ponto de vista do colonizado. Submetida a uma hegemonia do branqueamento que a proibia de afirmar o seu pertencimento enquanto negra ou afrodescendente Reis mesmo vivendo num contexto de segregação racial e social, rompe com o que a sociedade impôs a ela. Em seu romance, *Úrsula* utiliza-se como um instrumento de crítica à escravidão da humanização de personagens escravizados. Lança em 1861 a narrativa indianista *Gupeva*, publicada em capítulos na imprensa local, com várias edições ao longo da década de 1860; Em 1887 lança o conto "A escrava", o qual aborda a problemática da discriminação racial no Brasil, ainda no regime escravagista. Primeira edição do volume de poemas *Cantos à beiramar*, 1871, marca a inquietação por uma subjetividade feminina por vezes diante da realidade marcada pelos ditames do patriarcado escravocrata e representada perante a autora.

Maria Firmina dos Reis faleceu em 1917, pobre e cega, no município de Guimarães-MA. Em 2017, por ocasião do centenário da morte de Firmina, seus livros foram relançados: *Úrsula*, já na sétima edição, trazendo em apêndice o conto "A Escrava", de 1887; *Gupeva*, em sexta edição; além de *Cantos à beira-mar*, volume de poemas novamente disponível em publicação da Academia Ludovicence de Letras, de São Luís, organizada pela pesquisadora

Dilercy Aragão Adler. Também no ano de 2017, a autora Dilercy Aragão Adler lança o volume crítico *Maria Firmina dos Reis: uma missão de amo*, a a pesquisadora divulga documentos até então inéditos, encontrados no Arquivo Público do Maranhão, dando conta da verdadeira data de nascimento da autora - 11 de março de 1822 - até então confundida com a data de seu batismo, que só ocorreria três anos mais tarde. O livro de Adler esclarece também a condição social de sua mãe, Leonor Felippa dos Reis, em verdade uma escrava alforriada que pertenceu ao Comendador Caetano José Teixeira. Tais descobertas esclarecem em definitivo dúvidas até então existentes sobre o nascimento da escritora e o estrato social a que pertenceu sua mãe.

Luiz Gonzaga Pinto da Gama, pseudônimos, Getúlio e Barrabaz, nasceu em Salvador, em 21 de junho de 1830, filho de Luísa Mahin, africana livre vinda da Costa da Mina. Em 1837, Luisa Mahin deixa a cidade e parte em direção ao Rio de Janeiro, ficando o filho aos cuidados do pai. Em novembro deste mesmo ano, aos dez anos de idade, o menino Luiz Gama foi levado pelo pai a bordo do navio “Saraiva”, e lá vendido como escravo. Sua mãe, Luiz¹a Mahin, foi uma das líderes da Revolta dos Malês, em 1835, em Salvador, na Bahia. Figura histórica que lutou contra a escravidão, símbolo de resistência à sociedade escravista. Pertencia à nação nagô-jeje, da tribo Mahin, daí seu sobrenome, nação originária do Golfo do Benin, noroeste africano que no final do século XVIII, dominada pelos muçulmanos, vindos do Oriente Médio. Tornou-se livre por volta 1812 comprando sua liberdade e sobreviveu trabalhando como quituteira em Salvador. Segundo seu filho, Luiz Gama, dizia ter sido princesa na África. Luiza como negra livre, da nação nagô, pagã, sempre recusou o batismo e a doutrina cristã.

"Sou filho natural de negra africana, livre, da nação nagô, de nome Luísa Mahin, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã. Minha mãe era baixa, magra, bonita, a cor de um preto retinto sem lustro, os dentes eram alvíssimos, como a neve. Ativa, generosa, sofrida e vingativa. Era quitandeira e laboriosa." (Luiz Gama).

Em 1848, Gama fugiu da casa do senhor de engenho, conseguindo assim um documento que confirmava a sua liberdade por ser filho de uma negra liberta. Luiz Gama trabalhou como soldado seis anos, copista, escrevendo para o Major Benedito Antônio Coelho neto. Em 1859, Gama publicou Primeiras trovas burlescas de Getulino, no qual consta o famoso poema “Quem sou eu”, mais conhecido como Bodarrada, no qual expõe o preconceito de cor na sociedade brasileira. Também como jornalista, Luiz Gama foi aprendiz de tipógrafo do jornal O Ipiranga, e redator do Radical Paulistano, – primeiro periódico político satírico da cidade de São Paulo, o que faz Alberto Faria atribuir a Luiz Gama a fundação da imprensa humorística paulistana.

¹ Segundo João Reis não há na bibliografia oficial registros relativo à Luisa Mahin, mas há na carta escrita por Luiz Gama referências a Mahin e sua contribuição à Revolta dos Malês.

Nos anos 60, o advogado Luiz Gama se esforçava para tratar dos casos de escravizações ilegais e de abolições individuais e coletivas do Estado de São Paulo.

A respeito da profissão que abraçava, Gama confessa aos leitores paulistanos: “Eu advogo de graça, por dedicação sincera à causa dos desgraçados; não pretendo lucros, não temo represálias”. (Correio Paulistano, 20 de nov. de 1869). Segundo consta, Gama teria sido o responsável direto pela liberdade de aproximadamente quinhentos escravos, Daí ao título atribuído como “O advogado dos escravizados”. Além de advogar, Gama realizava conferências e publicava polêmicos artigos nos quais explicitava seus ideais abolicionistas, motivos pelos quais era perseguido e ameaçado de morte. O escritor foi o primeiro negro brasileiro a lutar contra os ideais de branqueamento da sociedade e pelo fim da escravidão. Mesmo debilitado pela doença, saía carregado em uma maca, para atender seus clientes desejosos da liberdade. Faleceu em São Paulo, em 24 de agosto de 1882.

2.1.3 Os Cadernos Negros

É em um contexto de luta pelos direitos da população negra que surgem os Cadernos Negros. Como aborda Fonseca:

Não se pode afirmar haverem existido, no país, movimentos literários que, a exemplo do Renascimento Negro Norte-americano ou da Negritude, se empenharam em produzir uma literatura de forte conteúdo reivindicativo, buscando valorizar outros princípios estéticos, antes do surgimento dos Cadernos Negros, em 1978, e da reflexão teórica encaminhada por seus criadores. (FONSECA, 2011, p.262)

Os Cadernos Negros, série criada em 1978, é um veículo de publicação que surge como alternativa para dar voz e visibilidade a autores e autoras afro-brasileiros marginalizados pelas grandes editoras, que privilegiavam escritores com um perfil social muito parecido: homens, brancos, geralmente, pertencentes à classe média e classe média alta.

Segundo Dalcastagnè a invisibilidade das literaturas tidas como marginais persistem no século XXI:

[...] de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,2%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores são brancos. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e São Paulo. Quase todos estão em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalístico e acadêmico.(DALSCASTAGNÈ, 2012, p. 8)

Ressalte-se que a Série surge em plena ditadura militar, funcionando como importante instrumento de resistência para a população negra que buscava reivindicar os seus direitos. Desde 1978, a série vem alternando-se anualmente em publicações de contos e poemas. Hoje a publicação organizada pela Quilombhoje vem reforçando os direitos assegurados pela lei 10639/10645 que dispões sobre a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e Africana, ressaltando a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira. O site Quilombhoje evidencia relação entre as leis e a importância dos Cadernos Negros:

Além de proporcionar espaço para os criadores, a série, organizada pelo Quilombhoje, também vem se tornando um instrumento para o exercício da lei 10639/11645, pois se constitui numa fonte extremamente rica para veiculação da cultura, do pensamento e do modo de vida dos afro-brasileiros. (QUILOMBHOJE, 2019)

Em 2019, completando 42 anos de publicações ininterruptas os *Cadernos Negros* se estabelecem como suporte para a publicação de autorias negras e periféricas, desconstruindo a ideia de uma literatura homogênea.

3 A ESCRITA AFRO-BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA

A escrita de autoria feminina tem como precursora, ainda no século XIX, como já mencionado anteriormente, a escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, que através do romance *Úrsula*, abordava questões sociais importantes, como a questão do sistema escravagista, a partir da perspectiva de uma narradora. Na esteira da Maria Firmina surgem outros nomes de mulheres significativos para a literatura afro-brasileira, entre eles a escritora mineira Conceição Evaristo.

Evaristo, no texto *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (2009), faz algumas reflexões sobre a literatura afro-brasileira, que considera ser um instrumento de resistência. A autora evidencia que:

Nomear o que seria literatura afro-brasileira e quais seriam os seus produtores é uma questão que tem suscitado reflexões diversas. Há muito, um grupo representativo de escritores(as) afro-brasileiros(as), assim como algumas vozes críticas acadêmicas, vêm afirmando a existência de um *corpus* literário específico na Literatura Brasileira. Esse *corpus* se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira. Contudo, há estudiosos, leitores e mesmo escritores afrodescendentes que negam a existência de uma literatura afrobrasileira. (EVARISTO, 2009, p.17).

Segundo Evaristo, a negação da existência da literatura afro-brasileira está ligada ao desprezo das experiências negras: “não consideram que a experiência das pessoas negras ou afrodescendentes possa instituir um modo próprio de produzir e de conceber um texto literário, com todas as suas implicações estéticas e ideológicas.” (EVARISTO, 2009, p. 18). Esse desprezo citado por Evaristo, passa pela ideia do racismo estrutural. Ao se pensar na escrita negra de autoria feminina o racismo estrutural é vinculado a outra violência que nos constitui enquanto sociedade: o machismo estrutural.

Como aponta a autora, não consideram que as experiências das pessoas negras não sejam validas a construir um texto literário, carregadas por implicações estéticas e ideológicas. Afirma Evaristo:

Se, por um lado, tanto as elites letradas como o povo, dono de outras sabedorias, não revelem dificuldade alguma em reconhecer, e mesmo em distinguir, os referenciais negros em vários produtos culturais brasileiros, quando se trata do campo literário, cria-se um impasse que vai da dúvida à negação. (EVARISTO, 2009, p.19)

Em muitas narrativas apresentadas na literatura brasileira, a imagem da mulher negra limita-se ao espaço de subalternidade, ao paradigma da sensualidade, sexualidade e trabalho.

Em obras consagradas da literatura brasileira, ilustra-se, por exemplo, o desejo de embranquecimento da população brasileira, assim, quando a mulher negra não é estereotipada é retratada de forma embranquecida. Declara Evaristo:

Duas obras paradigmáticas ilustram esse desejo de eugenia, que se traduz no sonho de embranquecer a sociedade brasileira. Uma é o famoso romance abolicionista, *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães. O autor, incapaz de compor uma heroína que pudesse ser negra, desenha a protagonista como uma escrava mulata, quase branca, educada pela sinhá, que lhe transmite todos os valores de uma educação europeia. Na narrativa a senhora elogia a tez clara da escrava e felicita a moça por ter tão pouco “sangue africano”. (EVARISTO, 2009, p.23)

Ainda segundo Evaristo: “É a partir do exercício de pensar a minha própria escrita, venho afirmando não só a existência de uma literatura afro-brasileira, mas também a presença de uma vertente negra feminina” (EVARISTO, p.18, 2009).

Em escritas da literatura brasileira é negado a representação feminina negra como musa, heroína ou qualquer papel que a valorize e afirme a sua descendência. A mulher negra é tratada como um ser não pensante ou como se não existissem sentimentos próprios; percebida através da subserviência e da negatificação. Quando uma mulher negra e pobre se coloca no papel de escritora, rompendo com o papel “predestinado” a ela, identifica-se a um movimento de resistência. Ressalta Evaristo:

Quando uma mulher como Carolina Maria de Jesus crê e inventa para si uma posição de escritora, ela já rompe com um lugar anteriormente definido como sendo o dela, o da subalternidade, que já se institui como um audacioso movimento. Uma favelada, que não maneja a língua portuguesa – como querem os gramáticos ou os aguerridos defensores de uma linguagem erudita – e que insiste em escrever, no lixo, restos de cadernos, folhas soltas, o lixo em que vivia, assume uma atitude que já é um atrevimento contra a instituição literária. (EVARISTO, 2009, p.28)

Dessa maneira, a escrita negra de autoria feminina rompe com padrões pré-definidos para as mulheres negras dentro de um sistema estruturalmente racista e sexista como é a sociedade brasileira.

4 CONCEIÇÃO EVARISTO

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 29 de novembro de 1946 em Belo Horizonte, Minas Gerais. Evaristo cresce em uma região periférica de Belo Horizonte, favela do Papagaio. Conciliando o trabalho com os estudos, conclui o curso Normal em 1971 aos 25 anos. Posteriormente, na década de 70, vai para o Rio de Janeiro, após ter passado em um concurso para o magistério. Gradua-se em Letras pela UFRJ, e inicia a docência como professora da rede pública de ensino no estado do Rio. A escritora segue na trajetória acadêmica concluindo seu mestrado em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, em seguida inicia o Doutorado em Literatura Comparada da Universidade Federal Fluminense (UFF). Evaristo tem sua estreia na literatura em 1990, a partir de publicações na série *Cadernos Negras*.

Evaristo publica, em 2003, o romance *Ponciá Vicêncio*, pela Editora Mazza, de Belo Horizonte. O seu segundo romance, *Becos da Memória*, é publicado em 2006. Posteriormente, em 2008, a antologia poética *Poemas de recordação e outros movimentos*, é lançada. Em 2011, Conceição Evaristo lança o volume de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*. No ano de 2014, a escritora publica *Olhos D'água*, livro finalista do Prêmio Jabuti na categoria “Contos e Crônicas”. Já em 2016, lança mais um volume de ficção, *Histórias de leves enganos e parecenças*. Em 2017, o Itaú Cultural de São Paulo realizou a Ocupação Conceição Evaristo contemplando aspectos da vida e da literatura da escritora. Em 2018, a escritora recebeu o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra. A sua obra mais recente é a novela *Canção para ninar menino grande*, de 2018.

4.1 ESCREVIVÊNCIAS

O termo *escrevivências*, criado por Conceição Evaristo, remete à escrita que parte das vivências sociais, principalmente, de mulheres negras. O termo nomeia o que os autores da literatura afro-brasileira sempre se propuseram a fazer: Uma escrita construída a partir das experiências de sujeitos negros. Evaristo chama de *escrevivências* uma escrita que nasce do cotidiano da mulher negra subalternizada, nasce, portanto, da experiência.

Conceição Evaristo afirma que: “a nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”.

Segundo Evaristo, as escritas que partem das experiências negras não são para continuar reproduzindo um sistema racista. Essa nova forma de escrita coloca-se como resistência ao sistema racista e opressor, para desfazer privilégios históricos. “Esse corpus se constituiria

como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira” (EVARISTO, 2009, p.17). Evaristo ressalta que “na origem da minha escrita, ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas, contando em voz alta umas para as outras as suas mazelas, assim como suas alegrias.” (EVARISTO, 2007, p. 19).

Em entrevista ao *NEXO*, quando perguntado o conceito de escrevivência, Evaristo traz a seguinte reflexão:

Quando falei da escrevivência, em momento algum estava pensando em criar um conceito. Eu venho trabalhando com esse termo desde 1995 - na minha dissertação de mestrado, várias vezes fiz um jogo com o vocabulário e as ideias de escrever, viver, se ver. Usei “escrevivência” pela primeira vez em uma mesa de escritoras negras no seminário “Mulher e Literatura”. Terminei meu texto dizendo que a nossa escrevivência não é para adormecer os da Casa Grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. Este termo nasce fundamentado no imaginário histórico que eu quero borrar, rasurar. Esse imaginário traz a figura da “mãe preta” contando histórias para adormecer a prole da Casa Grande. E é uma figura que a literatura brasileira, principalmente no período Romântico, destaca muito. Quero rasurar essa imagem da “mãe preta” contando história. A nossa “escrevivência” conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa Grande. [A escrevivência] seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência. (NEXO, 2017).

Dessa forma, Conceição Evaristo ressalta que sua escrita está vinculada a vivência da mulher negra dentro da sociedade brasileira.

4.1.1 A Academia Brasileira de Letras

A Academia Brasileira de Letras (ABL) foi fundada pelo escritor Machado de Assis em 20 de julho de 1897, com o intuito de se ter um espaço para discutir questões relacionadas às línguas e as literaturas do Brasil:

No fim do século XIX, Afonso Celso Júnior, ainda no Império, e Medeiros e Albuquerque, já na República, manifestaram-se a favor da criação de uma academia literária nacional, nos moldes da Academia Francesa. O êxito social e cultural da Revista Brasileira, de José Veríssimo, daria coesão a um grupo de escritores e, assim, possibilidade à ideia. Lúcio de Mendonça teve, então, a iniciativa de propor uma

Academia de Letras, sob a égide do Estado, que, à última hora, se escusaria a tal aventura de letrados. Constituiu-se então, como instituição privada independente, a Academia Brasileira de Letras. As primeiras notícias relativas à fundação da ABL foram divulgadas a 10 de novembro de 1896, pela Gazeta de Notícias, e, no dia imediato, pelo Jornal do Comércio. Teriam início as sessões preparatórias: na primeira, às três da tarde de 15 de dezembro, na sala de redação da Revista Brasileira, na Travessa do Ouvidor, nº 31, Machado de Assis foi desde logo aclamado presidente. (ACADEMIA, 2019)

Não há representatividade negra na academia brasileira de letras , durante os seus anos, suas cadeiras quase nunca foram ocupadas por pessoas negras. Em sua composição de quarenta membros, quase sua totalidade é de homens brancos e, em sua minoria, mulheres brancas. Em teoria a ABL- Academia brasileira e letras declara que para a composição de seus membros o requisito principal ser brasileiro, pertencente a qualquer gênero artístico e publicações de obras que foram reconhecidas por sua qualidade ou valor literário, mas na prática convenhamos ser outra a realidade, em que a cor da pele e o gênero pertencente contam muito.

Em 2018, a escritora Conceição Evaristo poderia vir a ser a primeira mulher negra a ocupar a cadeira sete na academia, antes ocupada por Nelson Pereira dos Santos. Porém não se concretizou a sua efetivação na ABL. Estava concorrendo com onze homens brancos, e por todo o histórico da academia brasileira de letras, era mais que provável o fato ocorrido.

A entidade literária, fundada em 1897 no Rio de Janeiro com o objetivo de cultivar a língua portuguesa e a literatura brasileira, frustrou a expectativa daqueles que esperavam que a escolhida fosse a escritora Conceição Evaristo. Negra e nascida em uma comunidade de Belo Horizonte há 71 anos, sua candidatura foi impulsionada por movimentos negros e feministas que buscam uma maior representatividade dentro da ABL, composta por 40 membros efetivos e perpétuos que são, em sua maioria, homens e brancos .(EL PAÍS, 2018)

5 OLHOS D'ÁGUA

A obra de Conceição Evaristo, *Olhos d'água* é composta por quinze contos, que em seus escritos carregam o peso das lutas diárias que mulheres negras traçam em seu dia a dia, em uma sociedade machista, racista, sexista que inferioriza e objetifica os corpos das mulheres negras. Nos contos são reprojctadas realidades de muitas mulheres negras e pobres e como elas resistem pela sua existência. No geral, o contos de Conceição Evaristo, sempre trazem o cenário de pobreza, miséria, desemprego, violências múltiplas que empurram mulheres à margem social devido à falta de direitos e oportunidades.

Como já mencionado, a escrita da autora retrata questões sociais que partem de experiências de sujeitos negros, privilegiando o cotidiano das mulheres negras. Além do protagonismo da mulher negra, Evaristo, em seus contos, enfatiza a relação da mulher negra, a maternidade e a ancestralidade, apresentando algo que faz parte do seu contexto com legitimidade do seu lugar de fala. As histórias ali retratadas não são compostas exclusivamente por personagens femininos, mas a escritora faz com as mulheres sejam as protagonistas. Aponta a desigualdade social e as violências, principalmente vivenciadas por mulheres negras sobre uma ótica feminina em uma sociedade que marginaliza e pré-julga as pessoas que não se encaixam nos padrões financeiros, estéticos e culturais.

Erotização e objetificação são lugares que uma sociedade machista e perversa atribuem à mulher negra, mulher essa que bate de frente e que vem provar para esta mesma sociedade que ela é luta, é resistência, é dona de si, então para falar de representatividade, traremos Conceição Evaristo, com sua obra, *Olhos d'água*, que em seus contos traz as mulheres negras donas e protagonistas das suas próprias vidas e seus próprios destinos. Evaristo, em seus contos narra histórias da experiência cotidiana de mulheres negras, com as decepções, tristezas, amarguras e belezas da vida, sem a velha idealização romântica, como ela mesmo refere-se “mulheres com vidas costuradas com fios de ferro”. (EVARISTO, 2017, p.10) Mulheres negras, pobres, sobreviventes, que resistem todos os dias pelas sua sobrevivência e pelos seus, e que mesmo com todas as dificuldades não deixam de lutar.

5.1 OLHOS D'ÁGUA

Diante de tamanhas riquezas, delimitaremos a análise do conto central o qual nomeia a obra *Olhos d'água*.

No conto Olhos d'água há a construção de uma narradora que ao longo do texto repete o mesmo questionamento acerca da cor dos olhos da sua mãe. “De que cor eram os olhos de minha mãe?” (EVARISTO, 2017, p15). A estratégia da repetição funciona como metáfora para outras questões que veremos mais adiante.

A narradora se identifica como a primeira de sete filhas, numa família em que não é mencionada a figura paterna, há somente mulheres. Essa representação familiar dialoga com o contexto social brasileiro, no qual muitas mulheres se encontram sozinhas para criar os filhos. Nesse sentido, quando Evaristo traz a história dessa personagem, representa a realidade de muitas mulheres negras. A narradora afirma que: “desde cedo tive que dar conta das minhas próprias dificuldades [...] sempre ao lado de minha mãe aprendi a conhecê-la.” (EVARISTO, 2017, p.16). O fato de a narradora destacar que é a filha mais velha ressalta as responsabilidades com as quais ela tinha que lidar. Além disso, ressalta que conhece todas as características físicas do corpo da mãe, mas não lembra que cor eram os olhos de sua mãe, remetendo assim, a busca pela identidade negra através das memórias. As personagens, diante dos questionamentos sobre qual seria a cor dos olhos da sua mãe, retorna para Minas Gerais, lugar onde nasceu: “E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor eram os olhos da minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe”. (EVARISTO, 2017, p.18)

Através da tentativa de lembrar a cor dos olhos da sua mãe, a personagem percorre o passado em busca de respostas, encontra memórias familiares, quando retorna ao lugar que nasceu. Ao retornar para sua terra, Minas Gerais, a narradora vai ao encontro também de suas origens ancestrais. Nesse momento, traz questões da ancestralidade africana, rituais religiosos que configuram essa ancestralidade, saberes vinculados a essas ancestralidades. Em muitos momentos, a personagem remete a heranças ancestrais que são passadas as gerações seguintes:

Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres da minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde África vinham arando a terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue. Não esqueço essas senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. (EVARISTO, 2017, p.18)

A partir da citação, pode-se perceber que a narradora traz somente figuras femininas que são apresentadas de forma positiva, pois a partir dessas figuras femininas constrói a sua identidade enquanto mulher negra com descendência africana. Ela vincula essa descendência a ideia de sabedorias e experiências da mulheres mais velhas. Na citação, é possível perceber

também que ele remete ao violento processo escravagista, pelo sangue derramado pelas mulheres “que desde África vinham arando a terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue”. Com os questionamentos, a personagem busca o reconhecimento de uma identidade apagada pelas múltiplas violências provindas de uma sociedade machista, racista, sexista e pelo processo de eugenia.

Dessa maneira, a escrita de Evaristo: “Levando a questão de identidade e diferença para o texto literário, a escrevivência teria esse duplo papel de releitura ou rasura da história ou reversão do estereotipo da mulher negra no país.” (CONSTANCIA et al, 2016, p.53) Nas palavras de Evaristo:

Essas escritoras buscam na história mal contada pelas linhas oficiais mutiladoras da cultura e dos corpos negros, assim como em outros discursos sociais, elementos para comporem as suas escritas. Debruçam-se sobre as tradições afro-brasileiras, relembram e bem relembram as histórias de dispersão que os mares contam, se postam atentas diante da miséria e da riqueza que o cotidiano oferece, assim como escrevem suas dores e alegrias íntimas (EVARISTO, 2005, p.204)

Evaristo, na sua citação fala de como em sua maioria as histórias negras contadas através de escritores brancos, são de forma estereotipadas e descompromissadas com a verdadeira vivência negra. E que através da literatura afro-brasileira o sujeito negro pode expressar as suas angústias e exaltar as suas raízes identitárias.

No conto aparece também a questão da representatividade a partir da simbologia da mãe, em que determinado momento do texto, é representada como uma boneca preta: “Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas”.(EVARISTO, 2017, p.16)

Em outros momentos, vincula-se a imagem da mãe a entidade Oxum. Isso é trazido pela narradora após a sua volta a Minas Gerais, como enfatizado pelo trecho:

E assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe. E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas, eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face? E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum.(EVARISTO, 2017, p.18)

Orixá Oxum, dentro das religiões de matriz africana, simboliza as águas doces e a ideia de maternidade (mamãe Oxum). Ao trazer essa orixá para a sua narrativa, Evaristo constrói uma narradora que vincula a identidade da mãe à deusa das águas, remetendo as ancestralidade negra.

A narradora, após alcançar a cor dos olhos da sua mãe, busca em então descobrir a cor dos olhos de sua filha: “Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho dos olhos da outra”. (EVARISTO, 2017, p.19)

Essa repetição de buscar a cor dos olhos da filha traz uma identidade a partir de um espelhamento, uma história que se repete por um apagamento, momento em que se questiona o seu pertencimento e o pertencimento da sua família, e reconstrução, a partir do reconhecimento da sua identidade negra.

As muitas memórias trazidas pela narradora relacionam com o que a autora enfatiza sobre as memórias em entrevista ao Nexo, em 2017:

Nós temos a memória de uma dor que não foi expurgada ainda. Talvez seja essa a grande dificuldade de as pessoas entenderem quando nós negros falamos do racismo, das ações afirmativas. Há uma tendência de compreender todas essas situações como coisas do passado. Mas na história dos povos colonizados, o passado se faz presente com as suas consequências. Não há como negar isso. Quando o passado de escravidão dos povos africanos no Brasil e nas Américas é escrito a partir dos colonizadores e das culturas hegemônicas, é sempre como um passado de impotência. Mesmo quando a gente conta a dor, não contamos só como lamentação. É mais ou menos por esses termos: passamos por tudo isso, mas estamos aqui. E isso, só nós somos capazes de afirmar porque, para os outros, pouco importa estarmos aqui ou não. Eu acho que o texto memorialístico pode trazer um passado de dor, mas traz também uma situação de resiliência: sobrevivemos, inclusive para contar essa memória. Acho que a dificuldade da academia em lidar com os nossos textos, dizendo que nós só contamos memórias, é porque é uma memória que, justamente, a academia não quer saber. Sonegaram a nossa história, sabemos muito pouco da trajetória dos africanos no Brasil. Sabemos muito pouco dessa trajetória de protagonismo. Nossa história de resistência é muito pouco contada: até os anos 1980, a ciência histórica valorizava a canetada da Princesa Isabel e não a história dos quilombos. E por isso também a academia tem dificuldade de lidar com nossos textos de memória: assim como nega nosso passado de protagonismo, nega nosso direito à memória. Acho que a literatura é um espaço em que a gente pode reivindicar ou afirmar nosso direito à memória. (NEXO, 2017)

Dessa maneira, Conceição Evaristo ressalta que sua escrita está vinculada as experiências das mulheres negras dentro da sociedade brasileira e a partir da sua literatura afro-brasileira de autoria feminina essas identidades negras são exaltadas.

5.2 QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?

No prefácio da obra *Olhos d'água*, Heloisa Toller Gomes, reflete sobre as personagens femininas presentes na obra. Segundo Gomes:

Sem sentimentalismo facilitadores, mas sempre incorporando a tessitura poética à ficção, os contos de Conceição Evaristo apresentam uma significativa galeria de mulheres- Ana Davenga, a mendiga Duzu- Querença, Natalina, Luamanda, Cida, a menina Zaíta. Ou serão todas a mesma mulher, captada e recriada no caleidoscópio da literatura, em variados instantâneos da vida? Diferem elas em idade e conjunturas de experiências, mas compartilham da mesma vida de ferro, equilibrando-se na “frágil vara” que, lemos no conto. (EVARISTO, 2017, p.10)

A autora vai traz uma reflexão sobre todas as personagens femininas construídas por Conceição Evaristo, são mulheres negras que enfrentam dificuldades em seus dia a dia.

Seguindo esse raciocínio de Constância Lima Duarte, Cristiane Côrtes e Maria do Rosário Pereira, no prefácio da obra, *Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*, enfatiza que:

Daí, seus protagonistas- Ponciá, Alirio, Maria, Davenga, Natalina- figurarem como porta-vozes de um coletivo marcado pela violência cotidiana perpetrada no asfalto e nas comunidades periféricas das grandes cidades: vítimas da mal disfarçada opressão ainda hoje imposta ao povo negro, e representadas de acordo com a melhor tradição da literatura da diáspora negra no ocidente. (CONSTANCIA, et al., 2016, p.10)

No conto, *Quantos filhos a Natalina Teve?* A questão da maternidade é trazida de forma central. A maternidade não é apresentada de forma romantizada, é aproximada de uma realidade vivenciada por muitas mulheres negras periféricas brasileiras: “Não aguentava se ver estufando, estufando, pesada, inchada e aquele troço, aquela coisa mexendo dentro dela”. (EVARISTO, 2017, p.43)

A personagem Natalina tem quatro gestações, porém só assume um como o seu filho: “Era sua quarta gravidez, e o seu primeiro filho. Só seu. De homem algum, de pessoa alguma. Aquele filho ela queria, os outros não”.(EVARISTO, 2017, p.43)

Aline Arruda, no artigo *Corpo e erotismo nos contos de Olhos d'água*, enfatiza que:

O Corpo de Natalina, personagem de “Quantos filhos Natalina teve?”, é guardião de quatro filhos, mas apenas o quarto é seu. Natalina também descobre cedo o sexo, com o seu namoradinho, com quem “brincava” quase todas as noites. Aos quatorze anos, a menina, para quem o sexo ainda não passava de descompromisso, também representa a personagem que, liberta de culpa, descobre o próprio corpo: “Bilico, amigo de infância, crescera com ela. Os dois haviam descoberto juntos o corpo. Foi

com ele que ela descobriu que, apesar de doer um pouco, o seu buraco abria e ali dentro cabia o prazer, cabia a alegria”.(CONSTACIA, et al, 2016, p.244)

No conto, o narrador traz alguns acontecimentos que acometeram as quatro gestações de Natalina. Ela tem repulsa da sua primeira gravidez, ao quatorze anos de idade, ainda descobrindo o seu corpo, se depara em uma situação em que se vê despreparada para a chegada de uma criança, ela não se enxergava como mãe. “A primeira e a segunda fora apanhada de surpresa”(EVARISTO, 2017, p.45). Sua imaturidade de uma menina de quatorze anos, não a permitia entender a maternidade; “ A menina-mãe saiu leve e vazia do hospital! E era como se ela tivesse ganhado uma boneca que não desejasse e cedesse o brinquedo para alguém que quisesse.”(EVARISTO, 2017, p.46).

Na terceira gestação, Natalina doa o filho a um casal para quem a trabalhava, o qual indiretamente impõe a necessidade de um filho, encenando no conto uma realidade estabelecida a partir da relação de poder entre os patrões e empregada, marcada pelo assédio, no qual a mulher negra é vista como objeto: “Era a patroa que ligava do estrangeiro, em prantos, e lhe pedia ajuda. Ela queria e precisava ter um filho. Só Natalina poderia ajuda-la [...] Ela e o marido já haviam conversado. Era só a empregada fazer um filho para o patrão”. (EVARISTO, 2017, p.47).

O quarto filho, único que Natalina reconhece como seu, nasce de um estupro. A personagem mesmo sendo vítima de uma violência , após o ato, assassina o seu abusador e a partir disso, sente aquele filho pertencente somente a ela: “Estava Feliz. O filho estava pra arrebentar no mundo a qualquer hora. Estava ansiosa para olhar aquele filho e não ver a marca de ninguém”. (EVARISTO, 2017, p.50). Nota-se que em todas as gestações, a experiências vivenciadas pela personagem se dão através de violências, sejam explícitas ou implícitas.

Levam-nos a uma reflexão sobre mascarar as violências cotidianas vivenciadas por muitas mulheres negras. Dessa forma, Evaristo expõe e denuncia a situação de muitas mulheres negras no contexto social brasileiro.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho refletimos sobre a literatura afro-brasileira de autoria feminina, a partir da leitura dos contos *Olhos d'água* e *Quantos filhos Natalina teve?* da escritora mineira Conceição Evaristo.

No primeiro capítulo, trouxemos a problemática em torno da conceituação da literatura afro-brasileira, para contextualizar sobre as discussões levantadas pelos estudiosos dessa literatura, que embora tragam perspectivas divergentes se estabelece como instrumento de resistência e resgate das origens das culturas afro-brasileira. Ressaltamos que a criação da literatura afro-brasileira, partiu da necessidade de um espaço para tratar de questões da população negra, já que dentro da literatura brasileira não se permitia esse espaço e a imagem do negro era retratada de forma estereotipada. A literatura afro-brasileira funciona com resistência e espaço para reconstrução de identidades para que autoras negras e autores negros possam viabilizar as suas obras. Discutimos alguns elementos que através da perspectiva de Eduardo de Assis, configuram essa literatura. São eles: ponto de vista, autoria, temática, público alvo e a linguagem. Neste mesmo capítulo, apontamos as fases da literatura afro-brasileira, sendo elas: os precursores, a consolidação e a contemporaneidade.

Através dos precursores pudemos perceber a presença e a importância da maranhense Maria Firmina dos Reis, que no século XIX, foi a primeira mulher a publicar um romance abolicionista no Brasil. No período de consolidação, demonstrou-se como a influência do Quilombhoje e da série Cadernos negros, foi fundamental para fortalecer os movimentos de afirmação de uma negritude a partir de textos literários. Na terceira fase, que é da contemporaneidade, partindo de publicações nos Cadernos negros, o nome da autora, Conceição Evaristo é trazido ao público. Durante muitos anos, a figura da mulher negra vem sendo desvalorizada, não sendo diferente em alguns âmbitos da literatura, cada vez mais mulheres negras vem retomando espaços ditados ao não pertencimento dela, a partir da luta pelos seus espaços. Dessa maneira, trouxemos no terceiro capítulo como a escrita de autoria feminina, dentro da literatura afro-brasileira permite que a mulher negra ocupe espaços e assume um lugar de fala que sempre lhe foi negado, rompendo um ciclo ditado por uma sociedade sexista e racista. Uma das autoras contemporâneas, pertencentes ao espaço da literatura afro-brasileira, é Conceição Evaristo. Mulher negra que se auto afirma pertencente a uma afro-brasilidade, em que suas escritas partem de memórias e vivências do cotidiano das pessoas negras subalternizadas, em especial das mulheres negras, assim chamado pela autora como escrevivências. Resgatando a história, identidade e a cultura negra, em uma visão não

colonizadora, Evaristo promove uma escrita a partir de vivências negras. Ainda presente no capítulo três, evidenciamos que, mesmo diante de várias lutas traçadas pelas mulheres negras para adentrar em alguns espaços, o machismo e o racismo que estão estruturalmente impregnados a sociedade brasileira. Um dos exemplos do reflexo dessa sociedade foi a recusa de Conceição Evaristo ao ingresso na Academia Brasileira de Letras. Salientamos no quarto capítulo, como Evaristo carrega em seus escritos a figura feminina negra como centro de suas histórias e como o sistema opressor opera em suas vidas. Dando continuidade, analisamos os contos: *Olhos D'água* e *Quantos filhos Natalina teve?*, de Evaristo. Os contos apresentam histórias de mulheres negras marcadas desde a infância, pela falta de oportunidades, pelas violências, pelo machismo, pelo racismo e como essas violências as acompanham durante toda a vida.

A escrita de autoria feminina negra, de Conceição Evaristo, como mencionado ao longo do trabalho, parte das suas experiências, do lugar onde está inserida e de experiências experimentadas por outras mulheres negras. A autora concebe os seus textos a partir de sua condição de mulher negra e pobre na sociedade brasileira.

Evaristo, mulher negra, nascida e criada na periferia em de situação subalternidade, rompe com os papéis de subserviência ditados pela sociedade, buscando seus espaços através da literatura afro-brasileira, utilizada como ferramenta de resistência para ser reconhecida através dos seus textos literários. E através de seus textos, como os contos apresentados, a escritora traz diferentes histórias de mulheres negras, evidenciando que uma sociedade racista e sexista dita os espaços de acordo com o gênero e a cor da pele.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA. **Fundação**. Disponível < <http://www.academia.org.br/academia/fundacao> > Acessado: 21 de agosto de 2019.

BETIM, Felipe. **ABL frustra expectativas de campanha por Conceição Evaristo e elege Cacá Diegues como novo imortal**; EL PAÍS, 2018. Disponível < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/30/cultura/1535658767_015684.html > Acesso: 21 de agosto de 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, vol. 2, Consolidação.

_____. **Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. Literafro**, 2010. Disponível < www.letras.ufmg.br/literafro > Acesso: Agosto de 2019. DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil: precursores**. Belo Horizonte: Editora Ufm, 2011.

_____; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.) (2011). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: UFMG.

_____: Por um conceito de Literatura Afro-Brasileira' in **Literatura afro-brasileira: 100 Autores do século XVII ao XXI**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

DUARTE, Constância Lima ; CORTES, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. **Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. (org.) Belo Horizonte: Ideia, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Scripta**, 2009.

_____. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____. Conceição Evaristo: „minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra“. **Nexo Jornal**, 2017.

Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Conceição>
Acessado em: 08/2019.

FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (orgs.). **Poéticas Afro-Brasileiras**. Belo Horizonte: Mazza: PUC Minas, 2002.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Vozes em discordância na literatura afro-brasileira contemporânea. In: **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: PUC Minas: Mazza, 2002.

_____. Literatura negra: os sentidos e as ramificações. **Literafro**, 2000. Disponível <www.lettras.ufmg.br/literafro> Acessado: 20 de agosto de 2019.

QUILOMBHOJE, **Cadernos Negros**, 2019.

Disponível<quilombhoje@quilombhoje.com.br> Acesso: 21 de agosto de 2019.